

HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA, HISTÓRIA CULTURAL, ESTUDOS CULTURAIS: DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

LINGUISTIC HISTORIOGRAPHY, CULTURAL HISTORY, CULTURAL STUDIES: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL CHALLENGES

Neusa Barbosa Bastos

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Universidade Presbiteriana Mackenzie
nmbastos@terra.com.br

Vera L. Harabagi Hanna

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Universidade Presbiteriana Mackenzie
verahanna@mackenzie.br

RESUMO:

A presente investigação faz parte da revisão sobre o posicionamento teórico-metodológico do trabalho em Historiografia Linguística, em que reafirmamos a interação fatível com campos de estudo análogos como o da História Cultural, dos Estudos Culturais, da História do Presente. Além de indicar a continuidade de matérias relativas às etapas metodológicas, o estudo visa a complementá-las e expandi-las em regime de transdisciplinaridade, como *uma* das formas de interdisciplinaridade.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Linguística; História Cultural, Estudos Culturais, Transdisciplinaridade

ABSTRACT:

The present study aims at continuing the review on theoretical and methodological issues in Linguistic Historiography reaffirming the potential interaction with similar fields of study such as Cultural History, Cultural Studies and History of the Present. In addition to the continuous studies on methodological stages, this research plans to enhance the process through transdisciplinarity as *one* of the forms of accomplishing interdisciplinarity.

KEYWORDS: Linguistic Historiography; Cultural History; Cultural Studies; Transdisciplinarity

Considerações iniciais

Certezas e desafios acompanham os estudiosos da Historiografia Linguística quando se trata da intersecção com disciplinas ligadas às Humanidades. Semelhanças e divergências entre as várias áreas de estudo fornecem subsídios para o aparecimento de linhas alternativas de conduta historiográfica - questionamentos a respeito da história do presente e verdade histórica, que incluem indagações sobre o presentismo e o modo como os indivíduos se relacionam com o tempo (BASTOS e HANNA, 2012), a problematização da noção do regime de historicidade, são alguns dos debates empreendidos no Grupo de Historiografia da Língua Portuguesa, do IP-PUC/SP e do GT de Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL. Novas e desafiantes possibilidades de estudo para se trabalhar em regime de transdisciplinaridade com a história, a história cultural, a história do tempo presente, em intercâmbio com a HL, são foco de atenção. A finalidade de alcançarmos um conhecimento mais global da pesquisa histórico-linguística revela-se na procura de novas etapas de investigação metodológica, baseadas para além da análise do texto e do discurso e do *continuum* dos procedimentos históricos conhecidos, sugeriram o acréscimo do diálogo com os Estudos Culturais (BASTOS e HANNA, 2014). Tal diálogo leva ao interesse do denominado auto/etno continuum que compreende a auto/biografia, via individual ou em memória de grupo, a busca de produções em fragmentos escritos, em fontes orais, que tem aberto oportunidade para que façamos a justaposição com a História Cultural no que tange à política de identidade, e de construção da identidade ('documentos-ego'), à retórica da identidade ('retórica dos documentos') – em textos em primeira pessoa, sob a forma de cartas ou narrativas de viagem, diários, autobiografias (BURKE, 2005, p.116). Assim, ao se somaram à teoria e aos métodos de matérias relativos, esses campos de estudo - tão diversos quanto os de objetos de análise -, ao se aliarem à questão das fontes nos passos investigativos no âmbito da HL, têm-se estimulado um intercâmbio criativo e dinâmico estabelecido durante tal processo.

Pelo objetivo que elegemos alcançar nesse estudo, o de investigar fontes subsidiárias para estudos em Historiografia Linguística, relativas ao encontro com a História Cultural e com os Estudos Culturais, consideramos válido retomar, brevemente, considerações apresentadas por Bastos e Hanna em 2014 (b) sobre o conceito de interdisciplinaridade e a identificação que partilha com pressupostos da HL. Voltamo-nos, desse modo, para algumas considerações

sobre a acepção, desenvolvida por Fiorin, que serviu de base para aquele entendimento, “*A interdisciplinaridade pressupõe uma convergência, uma complementaridade, o que significa, de um lado, a transferência de conceitos teóricos e de metodologias e, de outro, a combinação de áreas*” (2008, p.31).

Tentamos aqui um entendimento mais aberto sobre alguns termos mais utilizados na tipologia da interdisciplinaridade. Além do próprio termo, encontram-se a *multidisciplinaridade* (muitas vezes substituído por *pluridisciplinaridade*) e a *transdisciplinaridade* - a opção pelo último é antes explicada pela etimologia dos prefixos. Ao focalizarmos a diferença entre *inter-*, que convencionalmente trata do que existe entre duas abordagens existentes e *trans-*, que vai além delas, tratando de um contexto de interconexão e complexas formas de intercâmbio, elucidamos a preferência por *trans-*, pelo fato de vir ao encontro da busca para que a multiplicidade de abordagens, advinda das relações entre os vários ramos do conhecimento e da própria abundância de objetos de estudo constantes da HL.

Levando em conta que, ao executar a tarefa de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos documentos, o historiógrafo manifesta uma nova visão de mundo, fazendo acontecer um processo de desagregação do que era considerado padrão, os resultados de seu trabalho apresentarão, conseqüentemente, um novo paradigma. Sobre esse assunto, destacamos que, ao se referir às dimensões teóricas e/ou metodológicas da HL, no lugar do termo paradigma, Altman (1998) nomeia o termo ‘*programa de investigação*’, utilizado por Swiggers (1981), para focar a dinâmica interna dos problemas assinalados na HL, assim como o modo de tratá-los funcionalmente e de maneira integral. A autora assim apresenta os quatro programas de investigação: o *programa de correspondência* que examina as correspondências entre linguagem, pensamento e realidade; o *programa descritivista em que* a língua é vista como um conjunto de dados formais, autônomos, ordenáveis de maneira sistemática; o *programa sociocultural* que analisa a variação das formas linguísticas no âmbito de uma comunidade linguística e das performances linguísticas dos falantes e o *programa de projeção* que visa à projeção de um sistema formalizado em certos fragmentos de uma determinada língua (p. 37-39).

O enredamento nas investigações no campo da história da linguística é apontado por Swiggers (2013), que justifica, por sua complexidade, a demanda pela adoção de pesquisas interdisciplinares, partilhadas com a filosofia da linguagem, a retórica, a dialética, a psicologia, a antropologia, a sociologia, a teologia e, por sua vez, com a história de cada uma delas,

A história da linguística apresenta uma ampla gama de “produtos” do pensamento e das práxis linguísticas: descrições de línguas (descrições de uma só língua ou de línguas em contraste ou de fenômenos tipológicos), manuais (para o ensino/ para a aprendizagem), obras teóricas, estudos históricos e/ou comparativos, modelos de análise ou de explicação, e, além disso, trabalhos que dizem respeito ao planejamento de línguas e às políticas linguísticas (2013, p.42-43)

O historiógrafo da linguística comenta ainda que a observação da análise de textos situados em seus contextos, acompanha o objetivo principal do historiador que é o de reconstruir e desenvolver o ideário linguístico; para tanto, enumera cinco decorrências ordenadas,

I - *Reconstruir*: o esforço de reconstruir um ideário dentro de um campo disciplinar impõe que o trabalho se conecte com a metodologia (da história) das ciências.

II - *Ideário linguístico*: para chegar-se a uma compreensão adequada e fundamentada do ideário linguístico, é preciso ter formação de linguista.

III - *Trajetória*: para poder estudar um (tipo de) trajetória, é indispensável dispor de uma visão histórica relativamente ampla.

IV - *Análise de textos*: para que se proceda a uma análise de textos, são imprescindíveis (a) uma base heurística e (b) alguns fundamentos hermenêuticos.

V- *Contexto*: este item significa que o trabalho seja relacionado com a história intelectual e com a história socioeconômica. (p.43)

Para além da noção apontada pela HL supra citada sobre a importância do entendimento do significado do intercâmbio das disciplinas, acreditamos ser oportuno esclarecer o motivo pelo qual, conceitualmente, priorizamos o uso da acepção de transdisciplinaridade, tomando-a como *uma* das formas de interdisciplinaridade. Diálogos atinentes ao desígnio a ela relativa, que se apresenta globalmente aberta, envolvem novos paradigmas, bem como a experiência vivida - a transdisciplinaridade navega através da disciplina do texto para o contexto e, assim, dos textos para a cultura e para a sociedade, particularidade que especialmente nos interessa nessa jornada, conforme apontado por Swiggers nos itens III, IV e V acima. É imperativo uma larga visão histórica, uma base heurística, fundamentos hermenêuticos que indicarão que o contexto deverá se relacionar com a história intelectual e com a história socioeconômica, ao que

poderíamos colaborar, acrescentando, a história cultural e os estudos culturais. Os últimos, ressaltamos, é uma abordagem que assevera que, por meio da análise da cultura de uma sociedade (as formas textuais e as práticas documentadas)“, *é possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de ideias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade*” (STOREY, 1997, p. 46, apud BASTOS e HANNA, 2014, p.8).

Seguimos a classificação da pesquisa de Lisa Lattuca (2001, p. 46), sobre interdisciplinaridade, que a divide em quatro grandes categorias: disciplinaridade informada, interdisciplinaridade informada, interdisciplinaridade sintética, interdisciplinaridade conceitual e transdisciplinaridade. Dentre os vários motivos para adotarmos a definição da autora, encontramos aquele que poderá sintetizar nossa preferência pelo termo - a transdisciplinaridade não critica as disciplinas, pelo contrário, procura similaridades entre elas o que torna a aplicação dos conceitos, das teorias, ou dos métodos da interdisciplinaridade plausível (id. p.117).

Além disso, apomos duas conceptualizações de Julie Klein, uma das mais renomadas pesquisadoras sobre o assunto, e que bem se ajustam aos nossos propósitos: primeiro, *“a transdisciplinaridade envolve desconstrução e aceita que um objeto possa pertencer a diferentes níveis de realidade, com suas consequentes contradições, paradoxos e conflitos*” (2004, p.10). Segundo, para que entendamos de maneira mais clara a falta de permanência, a incompletude e a porosidade das fronteiras entre tais noções, apresentamos de modo abreviado o quadro comparativo, idealizado pela autora em *A taxonomy of interdisciplinarity* (2010, p. 16); naquela ocasião, Klein ressalta características definidoras de padrões de prática e de mudança e que acabam por se complementarem e se hibridizarem. Anotemos os constitutivos apontados nas diferentes tipologias: na interdisciplinaridade encontram-se o foco, a integração, a interação, e a combinação; na multidisciplinaridade, sobressaem-se a sequenciação, a justaposição e a coordenação; e na transdisciplinaridade, a transgressão, a exceção, a transformação.

Igual relevância devemos conceder ao fato de tais distintivos transcenderem disciplinas e permitirem que as apliquemos em inúmeros campos de estudo, não somente ao da HL. Podemos afirmar que o escopo da transdisciplinaridade pode ser alcançado neste estudo nos termos em que pesquisadores que categorizam seus trabalhos como transdisciplinares têm a tendência de ser *“mais tolerantes no tocante às fronteiras disciplinares do que aqueles cujas pesquisas estejam*

conceitualmente rotuladas de interdisciplinares”; estes, procuram integração, enquanto os outros podem se definir como “*críticos do conhecimento*”, conclui Lattuca (2001, p.115).

Julgamos necessário fazer menção ao que Swiggers (2010) confirmara sobre o status da HL - o de uma ‘*empresa interdisciplinar*’ -, em 2010, sublinhando sua organização interna e ressaltando a importância de os padrões metodológicos e epistemológicos a serem atingidos, a HL “*é o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico*”, já que, “*engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares*” (p.8). O impacto, adverte ele, poderá sempre conter dois extremos, o *positivo* (estimulante) ou o *negativo* (inibidores ou desestimulantes); de todo modo, é mandatório que enumeremos o aparato terminológico intrínseco ao historiógrafo da linguística, como propõe o pesquisador, relacionando-o categoricamente a três áreas de descrição e explicação, reproduzidas abaixo, por entendermos que os elementos assinalados nos *pontos de ancoragem e agrupamentos*, nas *linhas de evolução*, e nos *conteúdos, formatos e estratégias* completarem as ideias expostas até o momento,

- (1) pontos de ancoragem e agrupamentos: aqui a terminologia lida com
 - (1a) *entidades discretas*: textos, autores, usuários;
 - (1b) *contínuos*: redes, instituições, escolas, círculos, sociedades.
- (2) linhas de evolução: aqui, a terminologia do historiógrafo diz respeito ao:
 - (2a) *curso evolutivo geral*: mudança; revolução; progresso/ estagnação/regressão; manutenção/perda/recorrência; continuidade/descontinuidade; inovação; antecipação;
 - (2b) *relações no tempo*: fontes; modelo; influência; ‘horizonte de retrospectção; ‘confrontos (teóricos)’;
 - (2c) *segmentos evolutivos*: programas de investigação; tradições; cinosuras; paradigmas
- (3) conteúdos, formatos e estratégias:
 - (3a) designações-rótulo: tais termos se referirão a uma teoria, modelo ou abordagem particular;
 - (3b) formatos: aqui os termos se referirão a específicos
 - (3b1) conceitos e princípios teóricos;
 - (3b2) técnicas e estilos de descrição;
 - (3b3) termos T-teóricos (p.6-7).

Antes de passarmos à segunda parte deste estudo e para melhor compreendermos as infindáveis possibilidades de troca entre as disciplinas elencadas

a seguir, completamos a ideia do conceito de transdisciplinaridade voltada para a compreensão de que nosso intuito é demonstrar o quanto factível pode ser essa tarefa em HL, desde que o reconhecimento das similaridades entre as disciplinas possibilite a aplicação de conceitos, teorias e métodos – mais do que integrar a disciplina, a transdisciplinaridade procura transcendê-la.

1. História Cultural, Estudos Culturais, Historiografia Linguística: uma interação possível

A História Cultural, sabidamente, combina as abordagens da Antropologia e da História com o intuito de observar as tradições culturais populares e as interpretações culturais do conhecimento histórico. Entre aprovações, reprovações e diálogos dirigidos à disciplina, o historiador cultural Peter Burke resume as inquietações da área sobre o interesse comum dos historiadores culturais, “*o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações*” (2005, p. 10) e que pode se aproximar das aflições dos historiógrafos da linguística na complexidade que envolve as etapas de seleção, de ordenação, de reconstrução e de interpretação dos dados – os passos investigativos. Isso acontece na medida em que não só suas fontes se encontram no âmbito interdisciplinar, mas também, no extradisciplinar. A afirmação de Burke, “*o trabalho individual dos historiadores culturais precisa ser localizado em uma das diferenças tradições culturais, geralmente definidas em termos nacionais*” (id.) necessita também ser levada em conta - em ambas as disciplinas as tarefas de seus fazedores coincidem na aplicação de princípios como a contextualização, a imanência e a adequação, como condição para um tratamento adequado da metalinguagem.

Importante, igualmente, para os estudos da historiografia, as análises do historiador François Hartog, percorrem caminhos entre as dimensões temporais, tempos históricos e tempo presente. Reflexões a respeito do que ele denomina *regime de historicidade*, entendendo que, a partir de importantes momentos de mudança em nossa sociedade, alistem-se as diversas maneiras como indivíduos ou grupos se situam e se desenvolvem no tempo, e como acontecem as relações com o presente, passado e futuro. Com o neologismo *presentismo*, descreve-se o presente presentista, nem tão uniforme, nem tão unívoco, ou seja, ele é experimentado de modos diferentes de acordo com o lugar que os participantes ocupam na sociedade; há sempre uma maneira peculiar de articular passado, presente e futuro que faz com que o presente atual seja sempre singular, “*o presentismo de hoje pode ser experimentado como emancipação*

ou introspecção: aberto para uma maior aceleração e mobilidade, fechado para um presente estagnante” (2015, p.xvii). Para concluir, ele garante que, nesses termos, o futuro também poderá ser percebido como uma ameaça, e não propriamente promissor, não prioritariamente otimista e positivo, mas visto como inequívoco, e do qual devemos nos responsabilizar (id.).

Justapondo questões relativas à tríade temporal entre as áreas abordadas, é admissível vincular como a questão do presentismo é enfocada por Carolyn Steedman. Ao recomendar o conceito de cultura, no âmbito dos Estudos Culturais, ela anota a dissolução da cronologia e a quebra da ordem do tempo como motes para que questões de cultura, história e tempo trabalhem em intersecção e possam revelar um formato social e institucional mais geral da história e do conhecimento histórico (1999, p.51). Essa ideia deve ser complementada com sua explanação sobre ‘*repertório retórico*’, que corrobora preocupações comuns que estudiosos dessa natureza devem atinar sobre o binômio tempo/presentismo - texto a ser apresentado de forma particular, de acordo com o que o documento a ser analisado os autorizam “*como se fosse o servidor invisível do material, cuja tarefa se resumiria em descobrir o que já lá se encontra esperando ser revelado*”, para uma audiência que os verá, em consonância com o presente presentista, como “*autoridade máxima como narrador*” (p.47). Deverão, assim, criar uma mediação entre os fatos relatados e seus leitores, selecioná-los, torná-los compreensíveis, hierarquizá-los.

A inserção da História Cultural é justificada, no âmbito das questões mais atuais da produção historiográfica contemporânea, exatamente por ampliar o universo de atuação do historiógrafo; por abordar diferentes domínios das Ciências Humanas; por valorizar as estratificações e os conflitos socioculturais como objeto de investigação; por apreciar as manifestações culturais das massas anônimas e por explorar fontes, objetos e materiais até há não muito tempo desprezados. É explicável, portanto, valermos-nos, na HL, dos ajuizamentos mais recentes provenientes desse campo de estudos, que passou a ser denominado, no final da década de 1980, de Nova História Cultural (ao reunir historiadores da literatura, associados ao novo historicismo), por proporcionarem leituras de cunho pluralístico e enfatizarem os contrastes e conflitos sociais no plano cultural, “*contrapondo, assim, uma história cultural mais ampla a uma história intelectual mais restrita*” (BURKE, 2005, p.46).

É importante anotarmos que a história da cultura popular ganhou destaque concomitantemente ao movimento dos estudos culturais na década de 1960, em que os textos de Richard Hoggart’s, *The Uses of Literacy* (1957); de Raymond Williams, *Culture and Society* (1958) e de E. P. Thompson’s, *The Making of the*

English Working Class (1963) tiveram importância capital para que o interesse por cultura e pelas duas áreas de estudo se tornasse de âmbito internacional. A abordagem relativa aos três livros tornou-se mais tarde conhecida como a tradição “cultura e sociedade de Hoggart-Thompson-Williams”.

A respeito desse assunto, retornamos à questão do texto-contexto, sobrepondo algumas considerações de Raymond Williams (1961), comentadas por Kellner, em seu texto *Border Crossing, Transdisciplinarity, and Cultural Studies* (s/d, p.18) sobre o que denomina de ‘*fronteiras do texto*’, mais precisamente do cuidado que devemos ter de não nos determos nas fronteiras, ou mesmo em sua intertextualidade já que, como a noção de transdisciplinaridade indica, o cruzamento de fronteiras através das disciplinas, do texto para o contexto, da cultura para a sociedade, é o que justamente constitui o texto, e assim deverá ser lido e interpretado. Williams sempre apreciou a interconexão entre cultura e comunicação e suas conexões com a sociedade na qual são produzidas, distribuídas e consumidas.

Isso posto, é adequado destacarmos que a ascensão que a História Cultural gozou, esteve vinculada à influência de movimento intelectual importante ocorrido na mesma época, conhecido por *virada cultural*, que trouxe ideias inovadoras de teóricos e historiadores culturais e contribuiu para que a herança da dimensão social permanecesse viva nessas investigações – “*a virada cultural é, ela mesma, parte da história cultural da última geração*”, explica Burke, (2005, p.9).

Para termos ideia da importância que a noção de virada cultural assumiu, tomamos como base algumas interpretações de Stuart Hall (1997, p.220-224) sobre revoluções culturais. Na visão do autor, é um período de reconfiguração de elementos já presentes na análise sociológica que se associou a alguns novos elementos, com foco na linguagem e na cultura. Em particular, é de nosso interesse assinalar a admirável mudança de atitudes registradas em relação à linguagem – “*uma preocupação com a linguagem como um termo geral para as práticas de representação, sendo-lhes oferecida uma posição privilegiada na construção e circulação de significado*” (p.220), que passou a ter um caráter mais amplo, incluindo-se a completa relação entre linguagem e o que se chama de ‘realidade’. A nova atitude está intimamente ligada à ideia de cultura mencionada por ele – “*a cultura se constitui como a soma de diferentes sistemas classificatórios e de formações discursivas distintas aos quais a língua apela para dar significado às coisas*” (p.222).

A relação entre as linguagens e os objetos descritos pela História Cultural foi radicalmente revista, a linguagem passou a exercer um papel muito mais

respeitável quando teóricos de diversos campos de estudo, dentre eles filósofos, críticos literários, antropólogos culturais, sociólogos, declaram que a linguagem constitui os fatos e não apenas os relata. Hall (p.223) explica ainda que, embora tenha se dado à cultura um papel distintivo e determinado no entendimento e no exame de todas as instituições e relações sociais, não deveria ser entendido o movimento como uma ruptura, mas como uma reconfiguração de elementos, como mencionamos acima. Podemos citar, pelo mérito que concedemos a esta pesquisa em particular, algo que poderia resumir novas atitudes no que tange à compreensão da linguagem em relação à vida social como um todo, e que enfatiza uma instância na linguagem como um termo geral para as práticas de representação, ou seja, a linguagem assumiu uma posição privilegiada na construção e circulação do significado,

Argumenta-se que, pelo fato de processos econômicos e sociais dependerem do significado e trazerem consequências diretas em nosso modo de viver, em aquilo que somos – nossas identidades – e dada a maneira como vivemos, também devem ser entendidos como práticas culturais e discursivas. (HALL, 1997, p.222)

Ao discorrer sobre as preocupações com as representações e as práticas na História Cultural, que apresentam entre seus paradigmas a história da fala e não da linguística, Burke argumenta que a história da linguagem, mais especialmente, a história da fala começa a ser partilhada com “*os sociolinguistas que têm sentido a necessidade de dar uma dimensão histórica aos estudos da linguagem*”, exemplificando que, “*A polidez é um domínio da fala que atraiu os historiadores culturais, enquanto o insulto os atraiu ainda mais*” (2005, p.79).

Considerações finais

Elementos de união entre os campos de pesquisa apresentados, o texto, o contexto, o presentismo, os produtores do texto e a audiência desses textos encontram respaldo nas mais importantes tradições dos Estudos Culturais – a combinação da teoria social, crítica cultural, história, análise filosófica e específicas políticas de intervenção.

Pesquisas como a nossa, que se ocupam de teorias culturais em interação com a HL, operam em um contexto cultural particular e funcionam e existem a partir de uma moldura de conhecimentos e significados que estimulam novas ideias e novos significados. A afirmação de Lewis (2006) e classificação que

oferece sobre cultura, a partir da construção e compartilhamento cultural de significados, nos ajudam a apreender a relevância do processo de mediação nesse processo. Para concluirmos por agora questões levantadas sobre a necessidade de operarmos transgredindo fronteiras entre várias disciplinas acadêmicas, destacamos aqui quatro abordagens culturais oferecidas pelo teórico que julgamos compatíveis com nossos propósitos:

- a cultura é construída pelos seres humanos com o objetivo de se comunicarem e criarem comunidade (são formadas no discurso, na linguagem, nos símbolos, nos signos e nos textos);
- a cultura é sempre transitória, aberta e instável (o discurso pode ser harmonioso, disjuntivo, de justaposição, contencioso, contínuo ou descontínuo);
- a cultura, por ser transitória, aberta e instável pode operar através de uma ampla variedade de agrupamentos e práticas sociais (cada cultura possui seu próprio sistema de significados que se articula através de normas e valores, crenças, ideologias políticas, rituais, etc.);
- na cultura contemporânea, a construção de significados é intensificada através da proliferação da informação na comunicação de massas (p.13-15).

A importância dos encontros culturais em nossa época é enfatizada por Burke (2006, p.154) por gerar “*uma necessidade cada vez mais urgente de compreendê-los com o passado*”. Nomenclatura comum no âmbito da história cultural e dos estudos culturais, enumerada a seguir, desperta recorrentes debates quanto aos seus paradigmas estruturais, em diversos teóricos que questionam postulados e métodos em relações entre a sociedade, a história, a língua, a linguagem, a cultura. Reconhecemos os esforços de estudiosos de áreas análogas na tentativa de encontrar uma terminologia que se ajuste, explique, exemplifique e caracterize a coexistência, desde o princípio da modernidade, de linguagens cultas e populares, assim como identifique as ocorrências culturais, originadas em ações econômicas e políticas desde que a Europa se expandiu em direção às Américas. *Tradução cultural, encontro cultural, fronteira cultural, continuum cultural, circularidade cultural, hibridização cultural, globalização cultural, transculturação* são apenas algumas das metáforas que procuram dar conta da interpretação dos encontros culturais. A multiplicidade de terminologias demonstra trajetórias evolutivas bem como novos paradigmas estruturais relacionados ao assunto, que poderiam revelar, também pelo próprio uso de metáforas, a pertinência de sua inclusão nas pesquisas em HL.

Procuramos nesse trabalho colocar em discussão a noção de que a prática da HL em ambiente transdisciplinar busca a complementaridade entre as áreas analisadas apresentando-se atenta ao novo, ao emergente. A abordagem espelha-se nas palavras de Swiggers (2010, p.14-15) sobre os progressos contínuos que a HL tem feito nas últimas décadas. Como uma empresa interdisciplinar, conclui ele, a HL experimentou um desenvolvimento espetacular, dentro do campo englobante das ciências da linguagem, apontando o aumento de publicações e o número significativo de acadêmicos interessados em encontrar, como nós, novos paradigmas com linhas alternativas de conduta historiográfica. Há, como acena o pesquisador, muito trabalho a ser feito relativo às dimensões teóricas, metodológicas, epistemológicas, temporais e sociais, esperamos estar enfrentando tais desafios ao observarmos teorias culturais em interação com a HL, em contexto de tendências e direções contraditórias de contundentes mudanças sociais no novo milênio.

Referências bibliográficas

- ALTMAN, Cristina. *A pesquisa Linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP. 1998.
- BASTOS, Neusa M.O e HANNA, Vera L. Harabagi. Historiografia Linguística e Estudos Culturais: outras implicações. IN: BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. *História Entrelaçada 6: Língua portuguesa na década de 1960: linguística, gramática e educação*. São Paulo, Nova Fronteira. 2014. P.1-13.
- _____. (b). *Entrelaçando Historiografia Linguística, História do Presente, Estudos Culturais: Um Desafio*. Anais do XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014) João Pessoa, Paraíba, Brasil #2527 (ALFAL) 2014, p. 1-10 Disponível em: <<http://www.mundoalfal.org/CDAanisXVII/trabalhos/R0181-1.pdf>> Acesso em 10 jun 2015.
- _____. História do Presente e Historiografia Linguística: implicações. IN: BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. *História Entrelaçada 5: Estudos sobre a linguagem em materiais didáticos - década de 1950*. São Paulo: EDUC. 2012. P. 17-34.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- DURING, Simon. *The Cultural Studies Reader*. 2nd edition. London: Routledge. 1999.

- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Interdisciplinaridade*. ALEA, VOLUME 1,0 NÚMERO 1, JANEIRO-JUNHO. 2008. P. 29-53.
- HALL, Stuart. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. IN: THOMPSON, Kenneth (ed.). *Media and cultural regulation*. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University: SAGE Publications, 1997. P. 207-238.
- HARTOG, François. *Regimes of Historicity: Presentism and Experiences of Time* Traduzido para o inglês por Saskia Brown. New York: Columbian University Press. 2015.
- KELLNER, Douglas. *The Frankfurt School and British Cultural Studies: The Missed Articulation*. Contribution from Illuminations: the Critical Theory Project, UCLA, USA. S/d. Disponível em: <http://pages.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/Illumina%20Folder/kell16.htm> Acesso em 28 jun 2015.
- KLEIN, J. T. *Prospects for transdisciplinarity*. Futures 36, 2004. p.515-526. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/222407393_Prospects_for_transdisciplinarity> Acesso em 10 out. 2014.
- KLEIN, Julie Thompson e MITCHAM, Carl Mitcham. (ed.) *The Oxford Handbook of Interdisciplinarity*. New York: Oxford University Press. 2010.
- _____. A taxonomy of interdisciplinarity. IN: KLEIN, Julie Thompson e MITCHAM, Carl Mitcham. (ed.) *The Oxford Handbook of Interdisciplinarity*. New York: Oxford University Press. 2010. P. 15-30.
- LATTUCA, Lisa R. *Creating interdisciplinarity: interdisciplinary research and teaching among college and university faculty*. Nashville: Vanderbilt University Press. 2001.
- LEWIS, Jeff. *Cultural Studies. The Basics*. London: SAGE Publications Ltd. 2006.
- STEEDMAN, Carolyn. Culture, Cultural Studies and the Historians. IN: DURING, Simon. *The Cultural Studies Reader*. 2nd edition. London: Routledge. 1999. Pp.46-56.
- STOREY, John. *An Introduction to Cultural Theory and Popular Culture*. London: Prentice Hall/Harvest Wheatsheaf. 1997.
- SWIGGERS, Pierre. *The history writing of linguistics: a methodological note*. General Linguistics 21: 1. 1981. Pp. 11-16.
- _____. *Historia e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações*. Revista Eutomia - Ano III - Volume 2 - Dezembro/2010. Tradução de Cristina Altman . P. 1-17.
- _____. *A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização*. IN: Confluência Revista do Instituto de Língua Portuguesa. No 44-45 – 1.o

e 2.o semestres de 2013 – Rio de Janeiro. Pp.39 – 59. Disponível em: <http://llp.bibliopolis.info/confluencia/wp/edpdf/44-45> Acesso em 9 out 2014.
RAYMOND, William. *The Long Revolution*. London: Chatto and Windus. 1961.

Recebido em 19 de agosto de 2015.

Aceito em 31 de outubro de 2015.